

Mais uma vez na Praça com Samora

Os moçambicanos habituaram-se ao diálogo com os seus dirigentes. A Direcção do Partido criou a tradição da auscultação do sentimento das massas através das reuniões públicas. O dirigente da nação moçambicana imprimiu na nossa vida de cidadãos um estilo especial de nos sentirmos ligados ao Governo, falando-nos em público, dos grandes problemas e dos grandes momentos nacionais.

Foi assim logo após a Independência; foi o 24 de Julho, Dia das Nacionalizações, como foi em 1976 durante o conflito com a Rodésia, hoje independente, hoje Zimbábue. Foi a reunião na Praça dos Heróis, foram os vários comícios da Praça da Independência, sobre a Ofensiva ou sobre a Legalidade. As grandes questões da nossa Pátria foram apresentadas

ao Povo, de viva voz, pelo dirigente máximo, em pessoa. Habituámo-nos a confiar na sua palavra e nas suas afirmações, na justeza das suas críticas, como das suas orientações. São elas que nos galvanizam para prosseguir a luta e aceitar os sacrifícios quando as situações mais duras o exigem.

O Povo moçambicano acompanhou pelos meios de Informação a delicada questão das conversações e do seu culminar no Acordo de Não Agressão, com a vizinha República da África do Sul. Mas os acontecimentos sucederam-se com uma relativa rapidez. Nem tudo pôde ser assimilado e claramente entendido nas nossas cabeças, ao mesmo ritmo dos acontecimentos. Compreendemos, todavia, o essencial. Sentimos que

vinha ao encontro dos nossos desejos e aspirações e, sobretudo, que representavam uma perspectiva para encaminhar o nosso futuro. Mas era demasiado grande em termos de história, para que nos bastasse ler no jornal ou ouvir na rádio. Porque temos muitos anos, vinte anos de guerra atrás de nós, desde que somos um povo em busca de uma nacionalidade e uma soberania, desde que conquistámos o respeito no Mundo, entre as outras nações.

Acabámos uma guerra ao fim de dez anos, a guerra com que conquistámos a Independência. E mal respirávamos a euforia da vitória e da liberdade, outras agressões atravessavam as nossas fronteiras, vindas directamente da Rodésia. O povo sofreu e reconstruiu o destruído, manteve-se fir-

me e solidário e ajudou a edificar a paz.

Desde então as tensões na nossa zona não pararam de aumentar, de mudar de formas, de alargar o seu âmbito. Continuámos a evitar a violência como solução, a defender o princípio de paz como objectivo. Fizêmo-lo em várias frentes: na das armas e na diplomacia. Resistimos ao desânimo nas condições mais duras, fomos firmes e coerentes e mais uma vez demos os passos seguros para o objectivo final: a Paz.

Este Acordo de Não Agressão é um desses passos que têm repercussões dentro do nosso País e em toda a nossa região. Não nos foi oferecido de bandeja, foi conquistado. E só o que se conquista é verdadeiramente valorizado e bem-vindo.

Assim sentimos este Acordo: é uma base para que, em sossego e sem sobressaltos, possamos recomeçar a edificação da tranquilidade nas nossas aldeias e machambas, nos transportes e na produção, nas escolas e nos serviços.

É porque o Acordo representa uma página de história que pedimos a presença do nosso dirigente máximo, mais uma vez, na praça pública. Porque a sua presença e as suas palavras são para nós o sinal da ligação entre o Governo e o Povo, entre a Direcção e todos os moçambicanos, o selo de confiança.

Assim é tradição entre nós e assim aconteceu, mais uma vez.

M. L. T.